

PROMETEUS

FILOSOFIA EM REVISTA



PROMETEUS - VIVA VOX - DFL - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Ano 4 – número 8 Julho-Dezembro / 2011

TRADUÇÃO

LÚCIO ANEU SÊNECA. *CARTA A LUCÍLIO IX (SOBRE
FILOSOFIA E AMIZADE)*

L. Annaeus Seneca Iunior. Epistulae Morales ad Lucilium IX

Tradução do original em latim: Aldo Dinucci
Doutor em filosofia Clássica pela PUC-RJ
Professor Associado do DFL - UFS

Sêneca saúda seu amigo Lucílio,

(1) Desejas saber se Epicuro repreende com razão os que dizem o sábio bastar a si mesmo e, por causa disso, não ter necessidade de amigo. Isso é objetado por Epicuro a Stilbo¹ e àqueles pelos quais o sumo bem é visto como espírito impassível² [*impatiens*]. (2) É necessário incidir em ambiguidade se quisermos exprimir *apatheia* por uma única palavra e dizer “impassibilidade”. Poder-se-ia compreender o contrário do que queremos significar. Nós³ queremos dizer, por *apatheia*, o que afaste todo sentido de mal⁴. Mas compreende-se *apatheia* como o que não possa receber mal nenhum. Veja então se é melhor dizer ou “espírito invulnerável” (3) ou “espírito posto além de todo sofrimento”. Isto está entre nós e aqueles⁵: nosso sábio vence certamente todas as vicissitudes, mas as sente; o sábio daqueles nem sequer as sente. Isto para nós e para eles está em comum: o sábio bastar a si mesmo [*sapiens se ipso esse contentus*].

¹ Filósofo megárico que influenciou os cínicos e os estóicos. Floresceu no século 4 a.C.

² Os cínicos.

³ Os estóicos.

⁴ I.e. O mal em todos os sentidos.

⁵ I.e. Nós, os estóicos, e eles, os cínicos.

Todavia, também deseja ter amigo e vizinho e companheiro, ainda que baste a si mesmo.

(4) Vê o quanto baste <o sábio> a si mesmo: algumas vezes está satisfeito com parte de si. Se ou doença ou inimigo tenha-lhe privado da mão, se o acaso tenha-lhe arrancado algum olho ou os olhos, suas partes que restam lhe bastarão, e será tão contente num corpo diminuto e amputado quanto foi num íntegro. Mas, mesmo se não sente falta das partes perdidas (5), não deseja perdê-las. Desse modo, o sábio se basta, não para que deseje estar sem amigos, mas para que possa estar sem amigos.

E este “possa” que digo é tal: com espírito equânime suporta a perda do amigo. Sem amigo, na verdade, nunca estará. Sabe como rapidamente reparar <a perda>. Do mesmo modo que, se Fídias⁶ perdeu uma estátua, logo faz outra, assim aquele artífice de fazer amizades dispõe outro (6) no lugar do perdido. Indagas de que modo faça rapidamente um amigo? Dir-te-ei, se estivermos quites quanto a esta carta sobre o que foi acordado entre nós que eu te pague constantemente. Disse Hecato⁷: “Eu te mostrarei um filtro amoroso sem droga, sem ervas, sem encantamento de feiticeira alguma: se desejas ser amado, ama”.

Por outro lado, certamente há grande prazer não somente na posse da antiga amizade, (7) mas também no início e na aquisição da nova. A diferença que há entre o agricultor fazendo a colheita e semeando, há entre aquele que obteve um amigo e aquele que o obtém. O filósofo Attalus costumava dizer ser mais agradável fazer um amigo que conservá-lo, do mesmo modo que é mais agradável para o artista pintar que ter pintado. Aquele cuidado dispensado em sua obra traz em si grande distração na própria ocupação. Não igualmente se deleita quem remove a mão da obra acabada. Já usufrui o fruto da própria arte; a mesma arte usufruiu quando <já> tenha pintado. Mais frutuosa é a adolescência dos filhos, mas a infância é mais doce.

(8) Voltemos agora ao nosso tema. O sábio, mesmo que se baste a si mesmo, todavia deseja ter amigos, se por nenhuma outra razão, <tão somente> para que cultive a amizade e não esteja ociosa tão grande virtude, <e> não para isto que dizia Epicuro naquela mesma carta: “Para que tenha quem esteja ao seu lado quando doente, para que o socorra quando lançado à prisão ou quando sem recursos”, mas para que tenha alguém a quem ele esteja ao lado quando enfermo, para que tenha alguém a quem liberte

⁶ Famoso escultor da antiguidade.

⁷ Filósofo estoíco de Rhodes, aluno de Panécio. *Circa* 100 a.C.

quando prisioneiro, quando oprimido pelo inimigo. Quem só vê a si mesmo e, em razão disso, caminha para a amizade, nutre más intenções. Do mesmo modo que começa <a ser amigo>, assim deixa <de sê-lo>. Alguém obteve um amigo tendo em vista um auxílio para escapar à prisão; quando primeiramente a corrente crepitar, <o amigo> (9) afastar-se-á. Essas são as amizades que o povo chama de “temporárias”; quem foi tomado como amigo por causa da utilidade, agradecerá por quanto tempo seja útil. Por isso, uma turba de amigos senta-se à volta dos prósperos; ao redor do arruinado há solidão, e fogem os amigos daí onde são testados.

Quanto a isso, tantos crimes abomináveis são exemplos, de uns que se afastam por medo, de outros que abandonam por medo. É necessário que início e fim se harmonizem entre si. Quem começa a ser amigo porque é vantajoso, também deixa de sê-lo porque é vantajoso. Agradará alguma recompensa contra a amizade se algo nela agrada senão ela mesma.

(10) Para que me esforço para obter um amigo? Para que eu tenha por quem eu possa morrer, para que eu tenha a quem seguir no exílio, à morte de quem eu me oponha e impeça. Isso que tu descreves, do que se aproxima em vista do que é vantajoso, do que se espera que haja algo a ganhar, é comércio, não amizade. (11) Não duvides que o amor possui algo similar à amizade: que se possa dizer aquele afeto <ser> uma amizade enlouquecida. Acaso alguém ama por causa do lucro? Acaso alguém ama por causa da ambição ou da glória? O próprio amor, por si mesmo indiferente a todas as outras coisas, inflama os espíritos para o desejo da Beleza⁸, não sem esperança de ternura mútua. E então? A causa do que é digno forma aliança com (12) um afeto torpe?

“Não se trata”, dizes tu, “agora <de discutir> isto, se a amizade deve ser buscada em razão de si mesma”. Pelo contrário, nada é mais necessário. Com efeito, se deve ser procurada em razão dela mesma, só pode atingi-la quem se basta. “De que modo então a atinge?” Do mesmo modo que atinge a coisa mais bela, não <sendo> atraído pelo lucro nem atemorizado pela inconstância da fortuna. Trai a majestade da amizade quem a procura em vista da circunstância favorável.

(13) O sábio se basta. Isso, meu Lucílio, quase todos interpretam do modo indevido; afastam o sábio de todos os cantos e o empurram para dentro de sua própria pele. É preciso distinguir o que e até que ponto prometa essa palavra; o sábio “se basta”

⁸ c.f. discurso de Diotima no *Banquete* de Platão.

para viver de modo feliz, não para viver. Para viver ele precisa de muitas coisas, para bem viver, somente espírito são e nobre e que despreza a fortuna.

(14) Desejo também te indicar uma distinção de Crisipo⁹. Que não tenha o sábio precisão de coisa alguma e, contudo, que precise de muitas coisas. “O tolo – diz Crisipo – não precisa de coisa nenhuma; de fato, não sabe para que serve coisa alguma, mas de todas as coisas tem precisão”. O sábio precisa tanto das mãos quanto dos olhos e das muitas coisas indispensáveis para o uso cotidiano, <mas> não tem precisão de coisa nenhuma. Ter precisão, com efeito, é da necessidade (15): nada é necessário para o sábio. Logo, ainda que se baste a si mesmo, o sábio precisa de amigos. Deseja tê-los no maior número possível, não para que viva bem; com efeito, vive também de modo feliz sem amigos. O sumo bem não busca meios externos. É cultivado em casa, é totalmente <gerado> a partir de si mesmo. Se alguma parte busca fora de si, começa a estar sujeito à Fortuna.

(16) “Contudo, qual é o porvir do sábio se é abandonado sem amigos e lançado na prisão ou se é colocado à parte em algum povo estrangeiro, ou se é retido em longa viagem marítima ou atirado numa praia deserta? Tal qual é Jove, confiando-se aos seus pensamentos quando o mundo é dissolvido e os deuses se confundem em um único durante o pouco tempo em que a Natureza cessante repousa. (17) O sábio faz algo semelhante: se encerra em si mesmo, consigo está. Enquanto lhe é possível ordenar suas ações com seu arbítrio, se basta e toma uma esposa, se basta e cria filhos, se basta e, todavia, não viveria se fosse para viver sem os homens. Nenhuma utilidade sua o leva à amizade, mas um estímulo natural.

De fato, assim como há um encanto inato para nós por outras coisas, assim há pela amizade. Do mesmo modo que há aversão pela solidão e desejo de comunidade, do mesmo modo que a natureza une o homem ao homem, assim também há nesse assunto um estímulo que nos faz (18) desejosos de amizades.

Entretanto, ao mesmo tempo em que seja amantíssimo dos amigos, ao mesmo tempo em que os ponha no mesmo plano, ao mesmo tempo em que muitas vezes os ponha à frente de si mesmo, conservará todo bem em si mesmo e dirá o que disse Stilbo, Stilbo que a carta de Epicuro apresenta. Esse Stilbo, tendo sido tomada a sua pátria, tendo perdido seus filhos, tendo perdido sua esposa, saindo do incêndio público só e, contudo, feliz, sendo interrogado por Demétrio (cujo apelido em razão da destruição de

⁹ Filósofo estóico que sucedeu Cleanto na direção da Stoá.

idades foi Poliorcetes) se acaso tivesse perdido algo, disse: *Omnia bona mecum sunt*¹⁰. (19) Eis um homem forte e corajoso! Venceu a própria vitória de seu inimigo. “Nada – diz Stilbo – perdi”; forçou Demétrio a duvidar que tivesse vencido. “Todos os meus bens estão comigo”. Isso mesmo é nada que possa ser arrancado pensar ser um bem.

Olhamos com admiração certos animais que atravessam as chamas sem danos nos corpos; quão mais admirável é esse homem que saiu ileso e indemne através de espadas, ruínas e chamas! Vês quão mais fácil é vencer toda a gente que um só? Ele tem esse dito em comum com os estóicos. Igualmente também esse Stilbo conduz os bens intactos através de cidades reduzidas a cinzas. O sábio se basta a si mesmo. Isso, no fim, determina sua felicidade.

(20) E não penses que somente nós pronunciamos nobres palavras; também Epicuro proferiu frase similar àquela mesma que ele criticou de Stilbo. Aprova-a tu, mesmo se <o que eu te devia> hoje eu já tenha pago. Diz Epicuro: “Se alguém não vê seus bens como vastíssimos, pode ser senhor do mundo e, contudo, é miserável”. Ou, se crês ser melhor enunciado <o dito> do seguinte modo (com efeito, deve-se fazer isso para que preservemos não as palavras, mas o sentido): “Miserável é quem não se julga felicíssimo, ainda que governe o mundo”. (21) Para que saibas ser essa ideia universal, sendo obviamente ditada pela Natureza, no poeta cômico¹¹ a encontras:

Não é feliz quem não crê sê-lo.

Que importa qual seja a tua condição se ela é mal vista por ti? (22) “E então – indagas – se alguém declarasse feliz aquele que é rico da maneira mais torpe e que é senhor de muitos, mas escravo de muitos mais, sua sentença o faz feliz?” Não importa o que se diz, mas o que se sente. E não o que se sente uma vez, mas o que se sente continuamente. Não há razão para temer que um homem indigno atinja coisa de tamanha qualidade: só o sábio está contente com o que é seu. Toda tolice padece de repugnância por si mesma. Adeus.

IX. SENECA LUCILIO SUO SALUTEM

[1] An merito reprehendat in quadam epistula Epicurus eos qui dicunt sapientem se ipso esse contentum et propter hoc amico non indigere, desideras scire. Hoc obicitur

¹⁰ “Todos os meus bens estão comigo”.

¹¹ Verso de poeta romano desconhecido.

Stilboni ab Epicuro et iis quibus summum bonum visum est animus in patiens. [2] In ambiguitatem incidendum est, si exprimere 'ap̄theian« uno verbo cito voluerimus et impatientiam dicere; poterit enim contrarium ei quod significare volumus intellegi. Nos eum volumus dicere qui respuat omnis mali sensum: accipietur is qui nullum ferre possit malum. Vide ergo num satius sit aut invulnerabilem animum dicere aut animum extra omnem patientiam positum. [3] Hoc inter nos et illos interest: noster sapiens vincit quidem incommodum omne sed sentit, illorum ne sentit quidem. Illud nobis et illis commune est, sapientem se ipso esse contentum. Sed tamen et amicum habere vult et vicinum et contubernalem, quamvis sibi ipse sufficiat. [4] Vide quam sit se contentus: aliquando sui parte contentus est. Si illi manum aut morbus aut hostis exciderit, si quis oculum vel oculos casus excusserit, reliquiae illi suae satisfacient et erit imminuto corpore et amputato tam laetus quam [in] integro fuit; sed <si> quae sibi desunt non desiderat, non deesse mavult. [5] Ita sapiens se contentus est, non ut velit esse sine amico sed ut possit; et hoc quod dico 'possit' tale est: amissum aequo animo fert. Sine amico quidem numquam erit: in sua potestate habet quam cito reparat. Quomodo si perdiderit Phidias statuam protinus alteram faciet, sic hic faciendarum amicitiarum artifex substituet alium in locum amissi. [6] Quaeris quomodo amicum cito facturus sit? Dicam, si illud mihi tecum convenerit, ut statim tibi solvam quod debeo et quantum ad hanc epistulam paria faciamus. Hecaton ait, 'ego tibi monstrabo amatorium sine medicamento, sine herba, sine ullius veneficae carmine: si vis amari, ama'. Habet autem non tantum usus amicitiae veteris et certae magnam voluptatem sed etiam initium et comparatio novae. [7] Quod interest inter metentem agricolam et serentem, hoc inter eum qui amicum paravit et qui parat. Attalus philosophus dicere solebat iucundius esse amicum facere quam habere, 'quomodo artificii iucundius pingere est quam pinxisse'. Illa in opere suo occupata sollicitudo ingens oblectamentum habet in ipsa occupatione: non aequae delectatur qui ab opere perfecto removet manum. Iam fructu artis suae fruitur: ipsa fruebatur arte cum pingeret. Fructuosior est adolescentia liberorum, sed infantia dulcior.

[8] Nunc ad propositum revertamur. Sapiens etiam si contentus est se, tamen habere amicum vult, si nihil aliud, ut exerceat amicitiam, ne tam magna virtus iaceat, non ad hoc quod dicebat Epicurus in hac ipsa epistula, 'ut habeat qui sibi aegro assideat, succurrat in vincula coniecto vel inopi', sed ut habeat aliquem cui ipse aegro assideat, quem ipse circumventum hostili custodia liberet. Qui se spectat et propter hoc ad

amicitiam venit male cogitat. Quemadmodum coepit, sic desinet: paravit amicum adversum vincla laturum opem; cum primum crepuerit catena, discedet. [9] Hae sunt amicitiae quas temporarias populus appellat; qui utilitatis causa assumptus est tamdiu placebit quamdiu utilis fuerit. Hac re florentes amicorum turba circumsedet, circa eversos solitudo est, et inde amici fugiunt ubi probantur; hac re ista tot nefaria exempla sunt aliorum metu relinquentium, aliorum metu prodentium. Necesse est initia inter se et exitus congruant: qui amicus esse coepit quia expedit <et desinet quia expedit>; placebit aliquod pretium contra amicitiam, si ullum in illa placet praeter ipsam. [10] 'In quid amicum paras?' Ut habeam pro quo mori possim, ut habeam quem in exilium sequar, cuius me morti et opponam et impendam: ista quam tu describis negotiatio est, non amicitia, quae ad commodum accedit, quae quid consecutura sit spectat. [11] Non dubie habet aliquid simile amicitiae affectus amantium; possis dicere illam esse insanam amicitiam. Numquid ergo quisquam amat lucri causa? numquid ambitionis aut gloriae? Ipse per se amor, omnium aliarum rerum neglegens, animos in cupiditatem formae non sine spe mutuae caritatis accendit. Quid ergo? ex honestiore causa coit turpis affectus? [12] 'Non agitur' inquis 'nunc de hoc, an amicitia propter se ipsam appetenda sit.' Immo vero nihil magis probandum est; nam si propter se ipsam expetenda est, potest ad illam accedere qui se ipso contentus est. 'Quomodo ergo ad illam accedit?' Quomodo ad rem pulcherrimam, non lucro captus nec varietate fortunae perterritus; detrahit amicitiae maiestatem suam qui illam parat ad bonos casus.

[13] 'Se contentus est sapiens.' Hoc, mi Lucili, plerique perperam interpretantur: sapientem undique submovent et intra cutem suam cogunt. Distinguendum autem est quid et quatenus vox ista promittat: se contentus est sapiens ad beate vivendum, non ad vivendum; ad hoc enim multis illi rebus opus est, ad illud tantum animo sano et erecto et despiciente fortunam. [14] Volo tibi Chrysippi quoque distinctionem indicare. Ait sapientem nulla re egere, et tamen multis illi rebus opus esse: 'contra stulto nulla re opus est - nulla enim re uti scit - sed omnibus eget'. Sapienti et manibus et oculis et multis ad cotidianum usum necessariis opus est, eget nulla re; egere enim necessitatis est, nihil necesse sapienti est. [15] Ergo quamvis se ipso contentus sit, amicis illi opus est; hos cupit habere quam plurimos, non ut beate vivat; vivet enim etiam sine amicis beate. Summum bonum extrinsecus instrumenta non quaerit; domi colitur, ex se totum est; incipit fortunae esse subiectum si quam partem sui foris quaerit. [16] 'Qualis tamen futura est vita sapientis, si sine amicis relinquatur in custodiam coniectus vel in aliqua

gente aliena destitutus vel in navigatione longa retentus aut in desertum litus eiectus?' Qualis est Iovis, cum resoluta mundo et dis in unum confusis paulisper cessante natura acquiescit sibi cogitationibus suis traditus. Tale quiddam sapiens facit: in se reconditur, secum est. [17] Quamdiu quidem illi licet suo arbitrio res suas ordinare, se contentus est et ducit uxorem; se contentus <est> et liberos tollit; se contentus est et tamen non viveret si foret sine homine victurus. Ad amicitiam fert illum nulla utilitas sua, sed naturalis irritatio; nam ut aliarum nobis rerum innata dulcedo est, sic amicitiae. Quomodo solitudinis odium est et appetitio societatis, quomodo hominem homini natura conciliat, sic inest huic quoque rei stimulus qui nos amicitiarum appetentes faciat. [18] Nihilominus cum sit amicorum amantissimus, cum illos sibi comparet, saepe praeferat, omne intra se bonum terminabit et dicet quod Stilbon ille dixit, Stilbon quem Epicuri epistula insequitur. Hic enim capta patria, amissis liberis, amissa uxore, cum ex incendio publico solus et tamen beatus exiret, interroganti Demetrio, cui cognomen ab exitio urbium Poliorcetes fuit, num quid perdidisset, 'omnia' inquit 'bona mea mecum sunt'. [19] Ecce vir fortis ac strenuus! ipsam hostis sui victoriam vicit. 'Nihil' inquit 'perdidi': dubitare illum coegit an vicisset. 'Omnia mea mecum sunt': iustitia, virtus, prudentia, hoc ipsum, nihil bonum putare quod eripi possit. Miramur animalia quaedam quae per medios ignes sine noxa corporum transeunt: quanto hic mirabilior vir qui per ferrum et ruinas et ignes inlaesus et indemnis evasit! Vides quanto facilius sit totam gentem quam unum virum vincere? Haec vox illi communis est cum Stoico: aequae et hic intacta bona per concrematas urbes fert; se enim ipse contentus est; hoc felicitatem suam fine designat. [20] Ne existimes nos solos generosa verba iactare, et ipse Stilbonis obiurgator Epicurus similem illi vocem emisit, quam tu boni consule, etiam si hunc diem iam expunxi. 'Si cui' inquit 'sua non videntur amplissima, licet totius mundi dominus sit, tamen miser est.' Vel si hoc modo tibi melius enuntiari videtur - id enim agendum est ut non verbis serviamus sed sensibus -, 'miser est qui se non beatissimum iudicat, licet imperet mundo'. [21] Ut scias autem hos sensus esse communes, natura scilicet dictante, apud poetam comicum invenies:

Non est beatus, esse se qui non putat.

Quid enim refert qualis status tuus sit, si tibi videtur malus ' [22] 'Quid ergo?' inquis 'si beatum se dixerit ille turpiter dives et ille multorum dominus sed plurium servus, beatus sua sententia fiet?' Non quid dicat sed quid sentiat refert, nec quid uno die

sentiat, sed quid assidue. Non est autem quod verearis ne ad indignum res tanta
perveniat: nisi sapienti sua non placent; omnis stultitia laborat fastidio sui. Vale.